

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

Abomé, 27/05/1995

Madame Sacramento, nascida Vieyra.

MILTON GURAN - Hoje é dia 27 de maio.

MADAME SACRAMENTO - 1995.

MG - Em Aboéé.

MS - Não, em Abomé.

MG - Abomé. Na casa de Madame Sacramento, é isso?

MS - Sim, é isso.

MG - A senhora vai cantar a canção da *bourian*?

MS - Ah, sim.

MG - Então, vamos ouvir madame Sacramento, nascida Vieyra, que vai cantar a canção de *bourian*, que ela aprendeu em Cotonu.

MS - Sim, em Cotonu. Eu não estava. Bom, o começo é um pouco difícil para mim:

(Canção)

MG - Isso é bonito. Tem *bourian* em Bohicon? Você vai à *bourian* de Bohicon?

MS - Eu não perguntei... Como eu não tenho tempo...

MG - São pessoas de Uidá?

MS - Sim, tem os Sacramentos em Uidá, em Bohicon.

MG - Ah, tem Sacramento.

MS - Hein? Os primos, os primos de seu pai. Tem os Domingos, os De Souza, tem também os Vieyra por lá.

MG - São eles que fazem a *bourian*?

MS - Eu não sei. Eu não perguntei. Desde que estou aqui, eu não perguntei. Quando eu era uma moça jovem, foi naquele tempo que eu era... Que eu fazia parte disso.

MG - Todas as jovens afro-brasileiras fazem parte da *bourian*?

MS - Sim.

MG - Normalmente ou não?

MS - Não, mas na época era isso. Mas agora, bom, não é mais problema delas. Cada um vai do seu lado. Como os avós são mortos, não tem mais ninguém que leva isso bem. Antes, eu, os avós, todas as jovens, todos os afro-brasileiros faziam parte da *bourian*. Era nosso vodu, *quoi*<sup>1</sup>.

MG - Sim.

MS - Sim. Com o tempo, isso se perde, pouco a pouco, até... Bom, eu, no meu tempo, nós retomamos, mas, no final das contas, foi embora. Digamos que isso não é mais praticamente em voga, *quoi*.

MG - Mas isso faz quanto tempo? Faz dez anos?

MS - Que eu fazia isso? Isso foi em 1972.

MG - 1972. Então a senhora fez [a *bourian*] de 72, 73, até quando?

MS - 72, 73, 74, 75, mesmo até 1976.

MG - 1976. Assim mesmo já faz 20 anos.

MS - Sim, daqui a pouco 20 anos.

MG - Mas lá em Porto Novo as pessoas ainda fazem, hein!

MS - Sim, ainda. Mesmo em Cotonu ainda fazem. Mas não é mais como antes.

MG - Não é todo mundo?

MS - Não, não é todo mundo. Agora tem os, aqueles que querem. Mesmo as pessoas de qualquer um, todos aqueles que querem... Mesmo as pessoas de Abomé.

MG - Que não são brasileiros?

MS - Que não são brasileiros e fazem parte. Aqueles que querem. Não é mais... Bom, hein.

MG - Não é mais uma tradição só de brasileiros.

MS - Chegando à Bohicon, agora, o senhor pode encontrar pessoas de Bohicon, os fom, os Adja, todo mundo faz parte agora.

MG - Você se incomoda se eu fumar?

---

<sup>1</sup> A palavra “quoi” é frequentemente empregada no final da frase, como no Brasil emprega-se, por exemplo “ué”, “uai”, “enfim”, etc.

MS - Não, não, não.

MG - Em Bohicon, eu ouvi falar que são pessoas de Uidá que aprenderam a fazer a *bourian* lá, com os brasileiros, e que trouxeram essa festa para Bohicon. Mas eles não são afro-brasileiros.

MS - Tem outros que não são afro-brasileiros que estão dentro. Tem os que são De Souza, os Almeida e outros.

MG - Mas são brasileiros então.

MS - Sim, os De Souza, os Domingo, os Monteiro, os D'Almeida, Dos Santos, todos esses aí, os Diogo, os Do Rego, todos esses aí. Mas, atualmente, tem mais não brasileiros que fazem parte.

MG - É, é verdade.

MS - Antes, nós dizíamos que era nossa coisa, era preciso que a gente fosse aos ensaios, era preciso entrar nisso. Então, tem uma festa dos afro-brasileiros que chamamos Bonfim<sup>2</sup>.

MG - Sim, é no mês de janeiro.

MS - Sim, então nós fazemos isso. E tem as *bourian* de Uidá, as partes que vêm se reunir.

MG - E em Porto Novo, fazem as mesmas coisas também?

MS - Hein? Em Cotonu não fazem mais.

MG - Em Cotonou não fazem mais. Quando você era pequena, faziam o Bonfim e todo mundo estava lá.

MS - Todo mundo estava lá. Mas agora não fazem mais.

MG - Assim, os brasileiros, eles terminaram por não conhecer mais uns aos outros, porque não tem mais o momento de se encontrar. Mas tem algum outro elemento que faz as pessoas se encontrarem?

MS - Não.

MG - Os jovens afro-brasileiros, eles conversam sempre entre si? Ou eles são completamente indiferentes?

MS - Será que, agora, eles não estão nem aí?

---

<sup>2</sup> No texto original está escrito “Buhifin”, mas trata-se evidentemente da festa do Bonfim.

MG - Porque eu vejo, por exemplo, os Vieyra, a família da senhora... As pessoas ligam, elas tentam manter a família. Tem um chefe de família, tem uma casa familiar, com um pequeno museu.

MS - Sim, mas, assim, quando, enfim, antes, como as pessoas se juntavam para festejar o Bonfim... Agora não tem mais.

MG - Salvo em Porto Novo.

MS - Salvo em Porto Novo. Mesmo em Uidá. Bom, é, é assim, assim, isso não funciona mais muito bem como antes. Porque os jovens vão embora. Tem o êxodo rural. Os jovens vão trabalhar fora, na Nigéria, em toda parte, tanto que não nos encontramos mais. Tem um grupo, o grupo naquele que eu tinha evoluído. Mas não é mais como antes. Tem ainda, mas... É meu marido que é o presidente de honra, aliás, desse grupo em Cotonu. Chegando lá, o senhor pode lhe perguntar.

MG - Sim, eu vou perguntar para ele.

MS - É ele o presidente de honra.

MG - Eu tento entender um pouco.

MS - Sim.

MG - Quando a senhora era moça, todas as moças se encontravam com os rapazes, e daí nasciam amizades, às vezes casamentos. Então, os brasileiros se casavam entre eles e essa espécie de cultura brasileira, ela continuava sempre.

MS - Ela continuava. Mas agora, tentamos manter isso, sem...

MG - Mas o marido da senhora, ele falou muito pouco em seu discurso, mas disse coisas muito boas. Ele disse uma coisa que não é a primeira vez que ouço. Ele disse que um homem que casa com uma mulher Vieyra é um homem feliz.

MS - Sim.

MG - Dizem que as mulheres afro-brasileiras são boas para casar.

MS - Isso.

MG - Por que elas são boas para casar? Que eles são belas, eu posso ver. Mas porque elas são boas para casar?

MS - Isso, porque nós temos bons hábitos, nós servimos bem nossos maridos. Nós, nós não os fazemos sofrer, tudo isso aí faz que nós sejamos mulheres adoráveis. Isso.

MG - O que quer dizer bons hábitos? Quer dizer cozinhar, cuidar da casa? O que quer dizer?

MS - Saber cozinhar, arrumar a casa. E quando o seu marido vem, você é, você vê, você o mima bem, cuida com ternura. Ele se sente bem com você. Você não tem problemas, não lhe dá problemas. Nós somos ciumentas, claro. Toda mulher é ciumenta, todo homem é ciumento. Mas entre nós, bom, nós sabemos nos comportar com nossos maridos.

MG - E as outras mulheres, as mulheres gom, fom, as mulheres iorubá, elas não são assim?

MS - Sim, tem umas que são assim. Mas não é como entre nós. Nós, nós sabemos respeitar os homens. A tradição faz com que nós respeitemos nossos maridos. Eles estão aí, outras mulheres, elas se impõem, elas fazem qualquer coisa com os maridos, entre nós isso não se faz.

MG - As pessoas dizem sempre, eu não sei, mas me dizem que uma casa onde tem uma mulher brasileira sempre funciona bem. E eu posso constatar na casa da senhora, aliás, em outras casas brasileiras onde eu fui. É verdade, a coisa funciona, as crianças vão sempre à escola. É assim, funciona bem. Mas eu queria entender porque isso funciona bem.

MS - É talvez o sangue. Tem esse sangue que circula. O sangue bom. Quando eu digo sangue... Nós viemos de uma família bem educada. Tem a educação de base, primeiro. Bom, quando você é bem educada, você tem filhos, você os educa também do seu jeito. Então, isso se passa assim, a linhagem, a linha, isso segue a linha assim. É talvez isso que faz com que nós sejamos assim. Nós temos esse negócio de, esse aspecto natural que vem diretamente talvez de nossos ancestrais, que desce assim até a gente.

MG - E funciona sempre do lado profissional também?

MS - Eu acho. Eu, por exemplo, no meu serviço, eu gosto, e todo mundo me inveja, aliás. Eu sou a única mulher na minha unidade de produção. Bom, quando eu exponho razões, quando eu falo, em dez anos, eles voltam sobre minha decisão. Eles sempre acham que eu tinha razão.

MG - Fiquei sabendo que a senhora é muito importante também. É a segunda.

MS - Sim, depois do responsável pela agência, sou eu.

MG - Sim, eu fiquei sabendo, é a senhora.

MS - Bom, com frequência eu acho que quando trabalhamos, quando fazemos uma sessão de trabalho, estou lá por minha inteligência, por meu devotamento. Eu estou bem, as pessoas me invejam bastante. Depois, eles querem sempre que eu tome dianteira. Tudo isso faz com que eu não possa dizer que a mulher, enfim, o sangue brasileiro, enfim, ou bem, o sangue de meus ancestrais não tenha algum papel nisso.

MG - Sim, com o sangue vem a cultura, é o que a senhora falou dos hábitos, a educação, a instrução na escola, as maneiras à mesa, de falar com as pessoas, tudo isso

nós aprendemos. E isso vem com o sangue como a senhora diz. Eu acho que o sangue, tudo isso vem com ele.

MS - Sim, vem junto.

MG - E quando uma brasileira se casa com um homem fom, por exemplo. Ela educa seus filhos sempre do modo dela?

MS - Sim, porque é a mãe que domina.

MG - É isso.

MS - Quando o homem vai embora, é a mulher que fica em casa com os filhos. Aí, a educação da mãe domina. Então, aí dizem que aquela lá, ela é *yovo*, hein. Ela é... Bom, a família do marido diz: “Essa aí é *yovo*”.

MG - Ah, a esse ponto, *yovo*?

MS - Sim.

MG - E não *agudá*?

MS - Não. Sim, dizem *agudá* porque *agudá* é *yovo*.

MG - *agudá* é *yovo*?

MS - Sim.

MG - *agudá* quer dizer *yovo*?

MS - Tudo o que vem do exterior, quando você faz alguma coisa extraordinária, dizem que ela faz *yovo*, ela faz a coisa importante, ela faz... Bom, é isso.

MG - *Agudá* é [uma palavra] fom?

MS - Não, nós, os afro-brasileiros...

MG - Eu sei, mas é na língua fom?

MS - Sim, é na língua fom.

MG - E *yovo* é fom também. Então, as duas palavras querem dizer a mesma coisa?

MS - Sim, nem tanto. Quando dizemos *agudá*, sabemos que todos aqueles que vêm do Brasil, os portugueses, tudo isso são *agudás*. Todos aqueles que têm nomes do Brasil. *Yovo* é a pele branca. É isso.

MG - Entendo.

MS - Quando você faz um pouco o extraordinário, dizem que você é *yovo*, porque você faz coisas como os brancos.

MG - Então, eu sou um yovo agudá.

MS - Isso, yovo agudá. É isso.

MG - E agora, que a senhora tem quatro filhos, e tudo isso. Seus filhos, eles brincam com outras crianças brasileiras, vocês têm amigos brasileiros?

MS - Sim, bom, aqui, eu vivi com aquela que o senhor viu comigo a última vez, Augustine Gomez. E o irmão dela. Nós estávamos todos juntos aqui. Então, eu tenho amigos De Souza, amigos D'Almeida.

MG - E isso é em Abomé?

MS - Não, eles não estão em Abomé. Os Gomez estão aqui conosco. E frequentemente, bom... Nós nos encontramos, quando estamos um pouco contentes. Bom, fazemos a *bourian*, a festa, cantamos e dançamos juntos.

MG - Mesmo agora, vocês dançam aqui?

MS - Sim, agora, com as crianças, quando eu estou feliz, nós ensaiamos, dançamos, cada um dança, eu mostro para eles como se dança a *bourian*.

MG - Isso é bom, é muito bom isso.

MS - Sim.

MG - E a escola? Era depois da primeira comunhão dela, ela estava em estado de graça, eu os olhava e todo mundo a olhava, etc. Bom, a senhora acha que existe uma diferença entre [eles e] as outras crianças que não são não são brasileiras? O professor não disse nada, que tem alguma diferença?

MS - Não, nenhuma diferença. Salvo que o nome, quando os chamam, os outros acham que é um mestiço ou é um branco. Sendo que eles nunca ouviram o nome. Fora isso, não tem diferença.

MG - É isso. E a irmã da senhora que está aqui, ela é casada com um brasileiro também?

MS - Não. Com um fom de Uidá.

MG - Sim, é um fom de Uidá, é quase um brasileiro, porque, em Uidá, todo mundo é um pouco misturado. Mas, depois da festa da *bourian*, será que tem outras situações em que os brasileiros se encontram, gostam de estar juntos para fazer alguma coisa, por exemplo? Será que na política os brasileiros votam aos mesmos partidos?

MS - Tem esse problema aí. Cada um é livre para militar no partido que ele quer. Então, não tem, enfim, eu não posso dizer que tem um partido para os brasileiros.

MG - O fato que Soglo se case com uma Vieyra, isso tem algum papel para que os brasileiros digam: “É uma Vieyra que está lá, então vamos votar nela”. Isso tem algum papel ou não?

MS - Sim, eu acho. Eu acho, porque quando Soglo estava em Porto Novo, para uma festa, tinha as vovós, as avós, as antigas avós, os velhos avôs, eles estavam todos, se reuniram juntos para festejar. Eles saíram com a *bourian* deles, eles dançavam bastante, eles festejavam. E depois, colocaram o letreiro deles na frente, e estava escrito “os afro-brasileiros”.

MG - A Associação dos Retornados Afro-Brasileiros.

MS - Isso.

MG - ???<sup>3</sup> Isso a senhora não sabe.

MS - Eu não sei.

MG - Porque agora, tem lá. Tem a *bourian* que dizem que é católica, que é essa aí, é os Amarais<sup>4</sup>, e tem lá a *bourian* que dizem que é muçulmana, que é da família Da Silva. Acho que é a *bourian* dos Da Silva que dizem que é muçulmana.

MS - Sim, os Da Silva, eles fazem parte dos muçulmanos.

MG - Eles fazem parte dos muçulmanos.

MS - Sim, alguns são muçulmanos.

MG - Mas os Vieyra são todos católicos?

MS - Sim, mas tem alguns que são muçulmanos também. Mas nós somos católicos. Mas a maior parte é católica. Tem muitos Da Silva que são católicos.

MG - Têm católicos e têm muçulmanos.

MS - Sim, mas a base aqui é que todas as famílias afro-brasileiras aqui falam o iorubá.

MG - Falam o iorubá. A senhora fala iorubá?

MS - Sim.

MG - Os Sacramento falam iorubá. É a língua materna?

MS - É a língua materna. Digamos que o iorubá veio do fato que os brasileiros, quando eles vieram, eles foram pegar mulheres da Nigéria, as mulheres escravas da Nigéria. Tanto que, bom, o iorubá dominou.

---

<sup>3</sup> Pontos de interrogação do manuscrito original.

<sup>4</sup> A caligrafia está difícil, pode ser Amaras, ou algo parecido.



MG - São os fom daqui de Abomé que iam para a Nigéria pegar mulheres e dar para os brancos?

MS - Os escravos vinham de lá.

MG - Eles vinham de lá. Eram todos iorubás.

MS - As mulheres Iorubás que vinham entre os escravos da Nigéria para o Benim, enfim, ao Daomé de então. Quando as mulheres vinham, os Yovo, quando eles viam as belas mulheres no meio, eles se apossavam delas e depois, é assim que eles fizeram filhos mestiços. E esses ficaram. Talvez eu não saiba grande coisa, para dar opinião para o senhor, talvez.

MG - Não, está bom isso. É interessante o que a senhora diz. Porque é verdade que os brasileiros falam sempre iorubá. Tem até alguns que não podem falar fom.

MS - Nossos avós falavam sempre iorubá. E eu reparei que quase todos, entre todas essas famílias afro-brasileiras, todo mundo fala iorubá, a língua de base é o iorubá.

MG - Mas a senhora, com o seu marido, vocês falam iorubá ou falam fom?

MS - Sim, nós falamos um pouco de tudo. Mas, eu, eu compreendo o iorubá mais do que meu marido. Eu, em casa, todo mundo fala iorubá. Mesmo meu pai, ele não entendia bem o fon.

MG - Mas o iorubá sim?

MS - Sim, iorubá.

MG - Mas ???<sup>5</sup> ele fala o iorubá?

MS - Ele compreende, mas ele não pode falar. Quando eu falo com ele, ele entende.

MG - Isso vai chegar. Quando a senhora fala ele entende um pouco.

MS - Sim, ele compreende um pouco.

MG - O pai da senhora, e sua mãe, eram todos os dois brasileiros?

MS - Não, minha mãe é togolesa, mas ela compreende bem o iorubá.

MG - No Togo tem muitos brasileiros?

MS - Sim, tem também lá. Tem, tem muito. É como aqui, tem. Têm os Da Matha, os Santana, os Vieyra, os De Souza, os D'Almeida. Uma grande parte dos D'Almeida são de lá.

MG - E de Aguê também.

---

<sup>5</sup> Pontos de interrogação do manuscrito original.

MS - Aguê, sim.

MG - Mas Aguê já é do lado do Togo.

MS - Sim, já bem do lado. Tudo isso aí. Bom, quando nós nos encontramos, somos sempre irmãos.

MG - Vocês se reconhecem como irmãos?

MS - Sim. Nós nos dizemos que somos irmãos. Os Vieyra de Uidá, os Vieyra de Aguê, os de Lomé, nós nos encontramos e dizemos: “Ah, você é meu irmão”. Quando tem um Vieyra que vem do Togo, ele vem e pergunta: “Bom, eu fiquei sabendo que tem um Vieyra aqui”. Ele vem e, bom, eu o tomo como meu irmão de sangue, e, depois, é assim.

MG - Ah, porque as famílias são muito grandes, se conhecem pelo nome e tudo isso.

MS - É isso. Isso faz com que, bom, a única coisa que nós nos dizemos é: “Bom, nós nascemos assim, nas mesmas situações, então, somos irmãos”.

MG - É isso. Esse avô da senhora, ele falava alguma coisa em português?

MS - Não, eu não o conheço.

MG - Ah, a senhora não conheceu ele. Nem a avó?

MS - Minha avó paterna, eu conheci. Ela é da família Chagas<sup>6</sup>. Eles são do Brasil também.

MG - Ela fala alguma coisa de português?

MS - Ela é da família Chagas.

MG - Tudo isso é do Brasil. Para falar a verdade, são nomes portugueses no início, que foram para o Brasil e então se tornaram nomes brasileiros.

MS - É isso.

MG - São todos nomes brasileiros. A gente encontra. Eu mesmo sou Monteiro também. Minha avó paterna era Vieira.

MS - Sim, o senhor me disse. Então, sim, é assim. Eu ouvia falar um pouco, um pouco, tem *el ju bocó*<sup>7</sup>.

MG - Bocó, isso quer dizer, a senhora sabe o que quer dizer?

MS - Não.

---

<sup>6</sup>O sobrenome Chagas foi circulado à caneta.

<sup>7</sup>No manuscrito original está escrito “el ju boco”, mas, considerando as frases que se seguem, optou-se pela tradução “bocó”.

MG - Bocó quer dizer alguém que não faz as coisas bem, que faz sempre besteiras, todo tempo.

MS - Alguém de cara<sup>8</sup>.

MG - De cara de besta, isso é bocó. E um homem assim, que é idiota, dizemos bocó.

MS - A mulher é *baia*<sup>9</sup>, o homem é bocó.

MG - Quando fazem besteiras.

MS - *Cor demite*.

MG - Hein?

MS - *Le cor demite*.

MG - Não, isso eu não entendo. Repete.

MS - *Cor deruite*.

MG - Eu não entendo. A senhora sabe o quê? Às vezes as palavras, elas mudam um pouco. Como a senhora canta “Bom dia compadre”<sup>10</sup>. Como a senhora diz?

MS - *Bundiê, com passo? Bom prigada*<sup>11</sup>

MG - Esta aí. Isso é bem português do Brasil. Mas é um pouco diferente, por causa do tempo. Então, não é *bundiê*, é bom dia.

MS - Bom dia.

MG - É bom dia, compadre.

MS - Compadre.

MG - Compadre. Muito obrigado. Isso quer dizer *merci*.

MS - Hein!

MG - Então, vocês mudam um pouquinho. E então, eu entendo. Mas quando muda muito...

MS - Tem o sotaque.

---

<sup>8</sup> No manuscrito original está escrito em português “de car” ou “de cor”, podendo ser, de fato, “de cara”.

<sup>9</sup> A palavra *baia* pode ser de origem africana e foi mantida tal como no manuscrito original, embora não encontre significado português nesse contexto.

<sup>10</sup> No original está escrito “Bougian Comme Padre”, que soa como “Bom dia, compadre”, a tradução escolhida.

<sup>11</sup> “Bom prigada”, soa como “Bem, obrigada”.

MG - Tem o sotaque e eu gravei várias canções de *bourian* e entendemos a metade e a outra metade é muito difícil. Então, o que vou fazer, é recuperar no tempo, para ver se encontro a canção original.

MS - Eu vou procurar alguém para o senhor. Ele vai cantar e juntos vamos sentar para escrever tudo isso.

MG - Vai ser muito bom.

MS - Porque ele não é da família afro-brasileira, mas ele vivia com papai.

MG - Como chama o grupo?

MS - Eu, eu não, enfim, eu não me interessei tanto por esse grupo aí quando fiquei aqui. Mas é ele que era, é ele que cantava para o nosso grupo, quando eu era mocinha, euh! Joseph Gbédi. É um cara de Calair. Ele tinha ficado com papai por um momento, bom, ele compreende bem, ele canta. Eu não sei se ele entende a língua, mas ele canta.

MG - Ele canta.

MS - Ele canta bem.

MG - Isso é importante.

MS - (um canto). Aí é o dia de... bom, quando fazemos a festa do Bonfim, cantamos tudo isso aí. *Marni a um kpéeo*. Isso é iorubá.

MG - O iorubá.

MS - Quando o cavalo vem, para dançar, dizemos cavalaria<sup>12</sup>. Realmente bom. (Um canto).

MG - Um brinquedo delicado, para quê, para quê, etc<sup>13</sup>.

MS - Isso eu não compreendo. Eu não conheço isso aí.

MG - Isso a senhora não compreende.

MS - Não, não compreendo.

MG - Isso quer dizer, aquela lá que você cantou não é bonita. Quer dizer que a *bourian* saiu de Arari. Era a festa de Arari. Então as pessoas cantavam para as outras “vem ver, vem brincar com a gente, vem se divertir”.

MS - Vem compartilhar nossa alegria.

MG - No Brasil cantamos iorubá por causa dos orixás, os *kvito* [?] vodu e tudo isso... E não entendemos nada. Têm saudações em iorubá e tudo isso nós não compreendemos.

---

<sup>12</sup> Foi transcrito no manuscrito original “calvaria”.

<sup>13</sup> Foi transcrito: “U brinquedo el delicado. Para que. Para que”.

MS - Hein?

MG - O iorubá que falamos no Brasil é diferente também. Ele mudou, como o português que vocês falam aqui.

MS - Sim.

MG - Lá tem os Vieyra também.

MS - Para ir para lá, é preciso muito dinheiro, quase um milhão.

MG - Hein! Sim, é muito caro. Minha avó Vieyra<sup>14</sup> era negra.

MS - Ah, está aí.

MG - Porque a mãe dela era uma afro-brasileira, era uma africana que se casou que foi para o Brasil e se casou com um português que se chamava Vieyra. Então ela fez filhos com esse português e por causa disso todo mundo pegou o sobrenome Vieyra. Até a minha avó, que é casada com Ribeiro, que deu meu pai, ele é Ribeiro. E eu, eu sou Ribeiro, mas eu tenho também o sobrenome da minha mãe, que é Monteiro.

MS - Está aí.

MG - É assim.

MS - Ah, está aí. A vida é longa.

MG - Sim, a vida é longa. Um dia a senhora vai ao Brasil, e vai ser um prazer receber a senhora. Infelizmente minha avó já morreu.

MS - Ah.

MG - Muito velha, ela tinha 91 anos quando morreu, no ano passado.

MS - Ah, somente no ano passado!

MG - Somente no ano passado. Isso quer dizer que ela nasceu no começo do século, enfim. Ela nasceu em 1902 ou 1903, por aí, o quê. E a outra avó, ela vinha do século passado. Ela morreu com 96 anos, é realmente bastante.

MS - E aí, esperamos, queremos também envelhecer como eles. Como os avós.

MG - Mas no Benim isso mudou rápido. Não fazem mais a *bourian*. Daqui a pouco não vamos mais nos chamar uns aos outros, o que isso quer dizer?

MS - Mais isso ainda vai acontecer. Tem esse evento que dá... Que dá... Que dá força.

MG - Que evento?

---

<sup>14</sup> Possivelmente no Brasil o sobrenome mudou para Vieira, mas foi mantida a caligrafia original.

MS - Bom, quando o senhor vem assim, temos tendência a dizer, a realmente... bom, é preciso que nós recomecemos, senão nossa família vai se perder.

MG - Ah, sim, isso é verdade.

MS - Tudo isso vai fazer com que, bom, vamos retomar.

MG - Sim, vamos começar por falar dos afro-brasileiros no Brasil, vamos fazer exposições das fotos. Bom, eu trabalho para escrever um livro sobre isso. E tem outros livros que já foram escritos. Tem uma casa do Benim na Bahia, igual como tem a casa do Brasil em Uidá.

MS - Sim, a Casa do Brasil.

MG - E lá, a Casa do Benim.

MS - Lá.

MG - É muito bonita, é um belo prédio, sim, é muito bom lá. E a diretora da Casa do Benim, que é uma brasileira iorubá, negra como a senhora. Uma moça muito dinâmica.

MS - Ela veio do Benim?

MG - Não, ela é brasileira, mas ela é iorubá.

MS - O senhor vai me dar o endereço dela, e eu vou lhe escrever.

MG - Ah, muito bem. E a senhora fala de minha parte. Espere, vou ver. Eu não tenho o endereço. Ou bem, eu... Porque amanhã eu parto muito cedo. Como tem muitas bagagens, nós somos três a partir, o taxi vai nos buscar lá.

MS - Não tem problema, quando o senhor voltar, no dia quinze.

MG - Quando eu volto, no dia quinze, eu trago o endereço. E de qualquer forma, e, sim, eu vos trago isso, é bom. E aí, a senhora escreve. Mas ela vai vir para o Benim no mês de setembro. E nessa ocasião, ela vem para Abomé, para o museu aqui. Eu vou trazer ela aqui, para conhecer a senhora. É uma família brasileira para conversar. Está aí no que deu.

MS - Ela estará conosco no mês de setembro.

MG - Eu espero que ela esteja comigo, eu estarei aqui. Se ela vem realmente no mês de setembro, eu estarei aqui. É isso que eu espero. Que ela venha no mês de setembro. Sim, eu estarei aqui, e vamos vir juntos. E lá, na Bahia, tem quartos. Isso quer dizer que se a senhora paga o avião e, uma vez lá, a senhora pode ficar no quarto.

MS - No quarto.

MG - E não paga nada.

MS - Certo.

MG - Combinamos assim, porque tem quartos, e não tem ninguém lá. Esses quartos aí são para os beninenses, mas os beninenses nunca vêm.

MS - Ah, é o dinheiro! Se o senhor pudesse nos fazer bons preços, vamos vir. Nós iremos se os preços são bons. É...

MG - A companhia brasileira, ela não faz ida e volta para cá. É isso que precisa mudar também.

MS - Nós veremos.

MG - Sim, com o tempo, isso vai acontecer. Sim.

MS - Não tem nada mais bonito do que se encontrar entre irmãos em família.

MG - Sim, é verdade. Como nos reconhecemos.

MS - Sim. Outro dia, quando vi o senhor, é como se eu estivesse no Brasil. Eu estava tão contente! Eu me disse: Bom, isso quer dizer que um dia irei ao Brasil. Irei conhecer a origem da família. E eu acho que o senhor se sente bem também no Benim, não é?

MG - Ah, sim, eu me sinto em casa, porque é igual, a paisagem é parecida, as árvores, os mesmos céus, porque o Brasil é grande. Eu estou um pouco ao Sul, mas no Brasil é o mesmo céu, a mesma vegetação, as mesmas árvores, o mesmo nível das populações. A senhora sabe, o Brasil tem a segunda maior população negra do planeta. Então, é muito misturado, *quoi*. A mestiçagem é muito grande lá. E, então, eu me sinto perfeitamente bem aqui, nenhum problema. A comida, nós comemos a mesma coisa. A mandioca veio de lá para cá e o *ata*, o bolinho de...

MS - *Ata*, hein.

MG - *Ata*, o bolo aí...

MS - Sim?

MG - Comemos isso lá, mas chamamos isso de acarajé. Porque em gom<sup>15</sup> se chama *akla* e isso deu uma mistura porque os fom no Brasil chamam de *aje*, então eu acho que dizemos que é o bolo dos *jeji*, *akla de jê*. Eu acho, mas são os mesmos, os mesmos, os mesmo. Salvo que os fazemos maiores assim, e abrimos e colocamos pimenta dentro. Ah, isso esquentá!

MS - Sim, aqui nós comemos com pimenta também.

MG - Mas se coloca do lado.

MS - Antes colocávamos dentro.

---

<sup>15</sup> Gom é uma língua e um grupo étnico localizado na região de Porto Novo, no Benim.

MG - Antes faziam assim?

MS - Sim.

MG - E ele era grande? É assim no Brasil, grande assim... A gente abre e coloca pimenta dentro. Aqui é pequeno, e a pimenta fica do lado. Eu acho que é melhor o menor daqui. Porque o grande, quando a gente coloca muita pimenta dentro, esquenta, sai óleo, fica picante. Mas é muito bom. Eu sou obrigado a vos deixar.

MS - Quando... Se o senhor partir daqui, vai primeiro para Madrid?

MG - Para Cotonu.

MS - Não, quando o senhor deixar Cotonu.

MG - Quando eu deixar Cotonu, vou primeiro para Marselha, porque é lá que eu faço minhas pesquisas. Então, preciso ainda um tempo para terminar por lá, e depois eu volto para o Brasil. Mas eu vou dar meu endereço no Brasil para a senhora, o endereço da casa da família, assim tem uma referência sempre. Mas vamos nos ver, porque vou ficar bastante tempo aqui. Vou buscar o senhor Sacramento em Cotonu, depois conversar um pouco com ele. Isso vai ser difícil, porque ele está em campanha.

MS - Não, eles terminaram.

MG - Ah, eles terminaram hoje, é isso, muito bem.

MS - Ah, realmente, eu não posso... Eu quero que as crianças busquem alguma coisa, vamos beber juntos.

MG - Muito bem, isso me agrada.

MS - O que o senhor vai beber? Cerveja?

MG - Tudo o que a senhora quiser compartilhar comigo.

MS - Tudo o que o senhor quiser!

MG - A senhora quer compartilhar um Fizzi cocktail fruit ou bem uma *Béninoise*?

MS - Eu prefiro uma boa *Béninoise*.

MG - Eu também, eu prefiro uma boa *Béninoise*.

MS - E você. Bom o senhor vai buscar três garrafas de cerveja e duas de Fizzi.

FIM